





VISCONDE DE TAMANDARÉ.

Lith: de J. Alves Leite.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

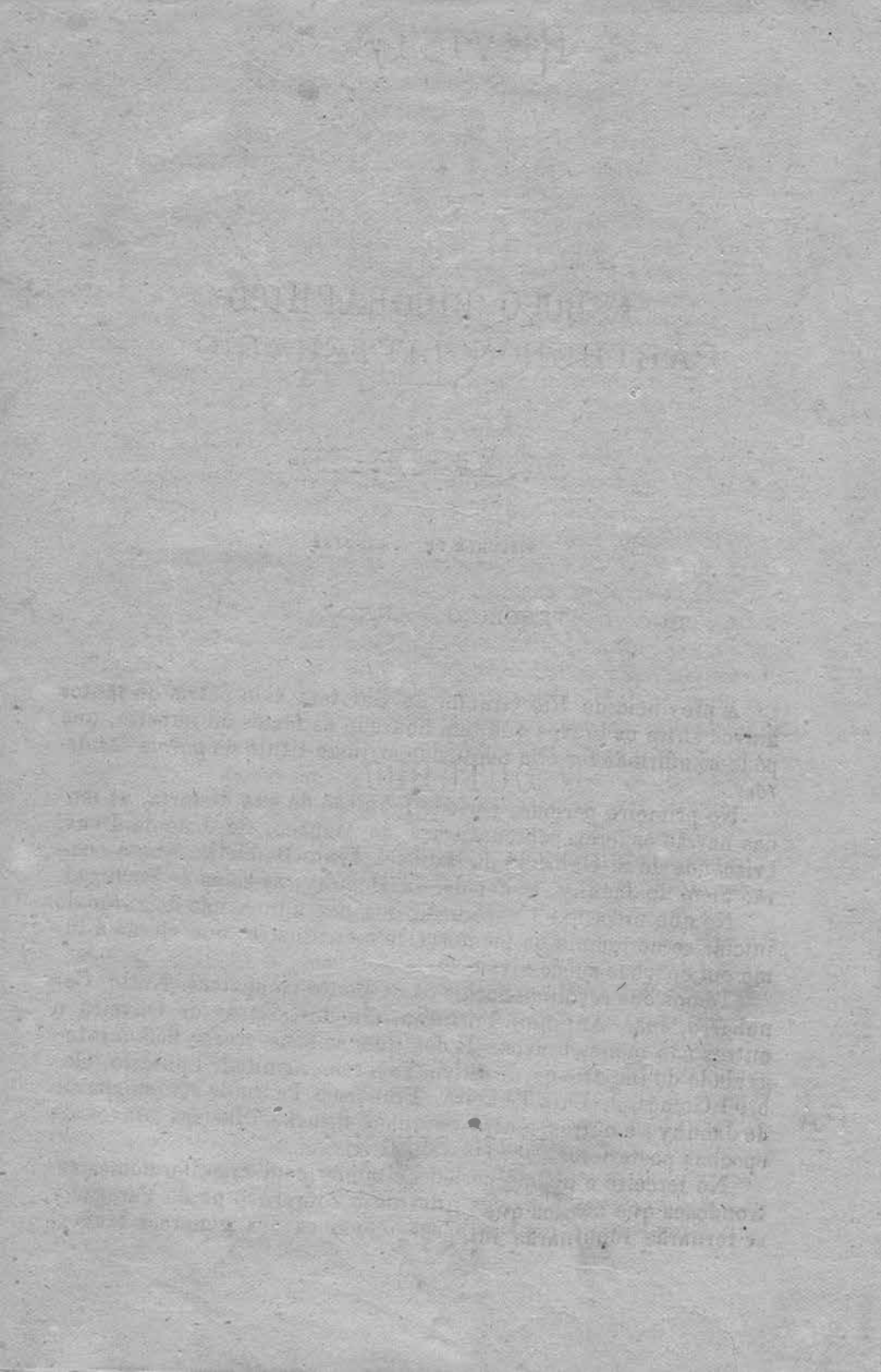
TERCEIRO ANNO

OUTUBRO

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1874



# ESBOÇO BIOGRAPHICO

JOAQUIM MARQUES LISBOA

(VISCONDE DE TAMANDARÉ)

## I.

A provincia do Rio Grande do Sul tem sido patria de tantos bravos entre os bravos que tem honrado os fastos do imperio, que pôde-se affirmar ter ella adquirido o justo titulo de *patria dos heróes*.

No primeiro periodo, periodo fabuloso de sua historia, as lendas narrão os feitos sobrenaturaes de Maneco, de João de Deus, (visconde de S. Gabriel) de Raphael Pinto Bandeira, que recuam além do Jacuhy, e, depois, do Ibicuihy, ás raias de Portugal.

No que precedeu á revolução dos dez annos não deixarão de iniciar-se no templo da memoria nomes illustres que vierão á lume em epochas successivas.

Temos dos revolucionarios os de Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, João Antonio, Portinho, Guedes, Lucas de Oliveira e outros não menos bravos. E dos que se conservarão fieis á integridade do imperio os de Silva Tavares, Annibal, Loureiro, Gabriel Gomes, J. Luiz Teixeira, Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhy) e outros, entre os quaes figurão illustres bravos de epochas posteriores.

No terceiro e ultimo periodo citamos com orgulho nomes estrondosos que nas passadas guerras e sobretudo na do Paraguay se tornarão reputações europeas, como os dos generaes Manoel

Marques de Souza (conde de Porto Alegre), Manoel Luiz Osorio (marquez do Herval) almirante Joaquim Marques Lisboa (visconde de Tamandaré) José Antonio Corrêa da Camara, (visconde de Pelotas) José Joaquim de Andrade Neves (barão do Triumpho) e cem outros bravos, em todas as armas e em cem combates — sobresahindo os *centauros rio-grandenses*, essa cavallaria imperterrita que de lança em risteaccommettia as altas trincheiras do tyranno americano e voava por sobre os *abatizes* como nuvens de passaros gigantes.

As lendas que narrarem no rémanso do lar os velhos avós á geração porviuda, ha de povoar de espectros tenebrosos e de fumos mysteriosos, de luzeiros e de feitos extraordinarios, a imaginação ardente da mocidade de então, havendo quem creia que exista ainda o *redivivo*, o bravo vencedor do *Estabelecimento*, que veja ainda a lança ferrea e vencedora de Osorio, e sinta aquelle grito tão do intimo e que resúme todos os brios de um homem, que é um exercito, no ultimo harpejo da tuba da guerra — « só para mim não ha uma bala! » — pronunciado por Manoel Marques.

Isto emquanto á arte da guerra, ao valor, aos brios de um povo na susteentação da sua autonomia, da sua nacionalidade.

Temos visto centenas de heróes entre os fêrvidos embates das batalhas — nos fastos da marinha imperial ainda ninguem excedeu em bravura o intrepido marinheiro almirante Joaquim Marques Lisboa.

Se entrarmos no campo das sciencias, ali encontraremos os nomes de Hypolito José da Costa, e de seu irmão José Saturnino da Costa Pereira, de Candido Baptista de Oliveira, de Joaquim Caetano da Silva e de outros que ensaião seus voos no templo da memoria.

O mais profundo economista do imperio, Irineu Evangelista de Souza (visconde de Mauá) teve o seu berço no municipio do Rio Grande.

Entre os sacerdotes, nascidos n'esta terra tão fertil de espiritos fortes, forão exemplos de virtude os padres Thomé Luiz de Souza, Feliciano José Rodrigues Prates (primeiro bispo d'esta provincia) e Manoel José Gonçalves de Brito; e reconhecido como muito illustrado o padre João de Santa Barbara.

A historia imparcial e justiceira dirá que partio de corações rio-grandenses a idéa constantemente sustentada da *manumissão dos escravos*, idéa de grande alcance economico e profundamente moral que devia influir na sorte futura da sociedade brasileira. Além do mais ousado propugnador, e talvez do mais comprometido perante o paiz que se deixava levar pela torrente dos prejuizos e sestros antigos, nós citaremos o nome de Leopoldo Augusto da Camara Lima com gratidão e reconhecimento.



Houve um tempo, em que eramos estudantes de medicina, em que todas as escolas superiores da capital do imperio tinham por directores notaveis rio-grandenses. Este facto impressionava então muito os homens da sciencia, e recommendava a nossa provincia nos annaes do mundo scientifico.

Nas bellas artes tornou-se notavel um rio-grandense, Manoel de Araujo Porto Alegre (barão de Santo Angelo) e ninguem pôde contestar-lhe o direito de ser considerado como um dos mais abalisados pintores do imperio e excellente poeta. Hoje occupa elle o cargo de consul em Portugal, tendo já occupado igual lugar em Berlim e em Vienna d'Austria. Seu nome está ligado á historia da litteratura nacional, e o seu poema *Colombo* é reputado um chefe d'obra.

## II

Joaquim Marques Lisboa, nasceu em S. José do Norte, provincia do Rio Grande do Sul.

Forão seus pais Francisco Marques de Souza e D. Eufrazia Lisboa que o educarão nas lições severas da honra, da probidade e do cumprimento dos deveres.

Seu pai servio por muitos annos n'esta provincia o lugar de patrão da barra do Rio Grande, cuja fronteira e guarnições commandava seu irmão o tenente-general Manoel Marques de Souza, (avô paterno do conde de Porto Alegre) e deixou esta provincia para ir residir no Rio de Janeiro onde terminou a educação de seus filhos.

O joven Joaquim Marques intrepido sempre nas lides do mar e das ventanias, a cujas lufadas e vaivens se acostumára desde os primeiros annos da sua infancia, sentára praça na armada e servio ainda nos ultimos annos nas guerras da independencia sob o commando do almirante brasileiro lord Cochrane, que apreciava sobremodo a sua intrepidez e desmedida ousadia.

Esboçar detalhadamente a vida d'este bravo rio-grandense, seria fazer um quadro cheio de interesse, onde se repetirião, sem cessar, actos de bravura, commettimentos ouzados e continuadas acções humanitarias que attrahirão para o seu vulto altivo e franco a sympathia e a admiração de quantos o tem conhecido. Onde porem mais avulta a imponencia do seu genio e seu habito de commando o disciplina é durante o tempo em que o vimos dirigir a bella fragata á vapor D. Affonso. E' n'este magnifico vaso de guerra brasileiro, com uma officialidade e marinhagem digna da affeição nobre do imperio, que o vimos praticar o estrondoso acto

que admirou a velha nação que se arroga os foros de dominadora dos mares, no porto de Southampton, salvando a vista de todos os velhos *lobos do mar*, aterrados, mais de uma centena de passageiros do *Yacht* incendiado. Esta acção valeu-lhe uma espada de honra conferida pela altiva rainha Victoria, e um leque de alto preço para a sua mulher que o acompanhava.

Desde esse dia o nome de Joaquim Marques Lisboa foi um nome historico e a veneração mais esplendida e mais sincera foi manifestada ao real merecimento do homem do mar pelos provectos almirantes das tumultuosas ribeiras de um e outro lado da Mancha.

O velho Portugal, o lobo marinho, que havia devassado os archipelagos oceanicos e as terras até então desconhecidas, biographando a vida do marinheiro ousado disse: Joaquim Marques nasceu em Portugal. A terra dos valentes não protestou contra esta falsidade, porque apenas vio n'isto uma *variedade lisongeada*.

Continúa.

DR. VALLE CALDRE E FIÃO.



# M. DE ARAUJO PORTO ALEGRE

(BARÃO DE SANTO ANGELO)

Theatro das lutas entre a Hespanha e Portugal por motivo da demarcação de limites entre as duas possessões do Rio da Prata e Uruguay, depois da independencia da provincia cisplatina, e em fim das dissensões civis que dividirão os brasileiros d'esta parte do imperio, tem sido a provincia do Rio Grande do Sul testemunha da grandeza d'alma e das aptidões militares de seus filhos.

O rio-grandense naturalmente livre, educado entre o stridor das armas, entre tradições romanescas e aventureiras, com os habitos generosos, francos e hospitaleiros do *pastor*, do creador de gados nas extensas pastagens de seus campos, semelha-se ao arabe, de imaginação ardente, de natureza impressionavel, de intelligencia vigorosa: — é soldado e poeta.

No registro da historia geral do imperio, figurão em maior numero os nomes de seus filhos — a bravura, o tino estrategico, a integridade de character, são attributos que o mundo reconhece no *rio-grandense*, que a posteridade ha de gravar no livro aureo das grandes acções da humanidade. O sincero testemunho de Garibaldi, o bravo da unidade italiana, é irrecusavel, e a opinião da Europa illustrada sobre a cavallaria rio-grandense semelhando-a aos corpos de *centauros* da Scythia, não o é menos. Ainda não ha muito vio-se confirmar esses echos profundos de justa admiração, phalanges de homens de ferro que com a lança em risto nos inhospitos campos do Paraguay accommettião as altas e guarnecidas trincheiras do feroz tyranno e galopação por cima dos *abatizes* como os *espiritos* das velhas lendas da germania — erão os soldados do redivivo Andrade Neves, de Netto, do Vasco Alves,

de Lucas de Lima e de tantos outros, crão os valentes das planícies do sul

Entre esses heróes creavão-se, nos abraços festivaes da infancia, da amizade e do parentesco, homens não menos illustres que mostrarão suas aptidões e forão respeitados dentro ou fora do imperio, em terreno diverso, mas não menos elevado. A poesia, a litteratura, as artes e as sciencias tem tido seu honroso culto dos homens, que os habitos e as tradiçõs, a natureza topographica, as lufadas violentas ou ventanias, tornão poetas, scismadores, melancolicos ou arrojados. Diz-nos a natureza poetica da Grecia que junto á Jason e á Ulysses estiverão os Hesiodos e Homeros, os Phydias e os Praxiteles.

Em 1817, quando as commoções da liberdade, reagindo contra as oppressões da coalisão dos reis europeus, deixavão apparecer na Grã-Bretanha as instituições democraticas em toda a sua lucidez pratica, um rio-grandense distincto por seu talento e patriotismo, apparecendo na imprensa europea estudava essas instituições e mandava ao Brazil o resumo dos progressos politicos do tempo e sua autorisada opinião sobre essas materias (o jury, o poder legislativo). O *Investigador* publicado em Londres dera testemunho do valor do patriota que o redigia, do Hypolito José da Costa, irmão do senador J. Saturnino da Costa Pereira, que por seu estudo e modestia honrava a terra em que nascera, sem ser d'ella o representante no parlamento.

A independencia do Brazil, as eleições para a constituinte e todo o periodo do primeiro imperio, virão apparecer e figurar rio-grandenses eminentes nas lettras e sciencias. Dr. Candido Baptista de Oliveira (mathematico) frei João de Santa Barbara (monje benedictino) Dr. Joaquim Caetano da Silva (medico) e Manoel d'Aranjo Porto Alegre (pintor), tacs forão os mais salientes vultos d'essa epocha que merecidamente levarão o nome da patria ás terras do estrangeiro.

Fallemos d'este ultimo :

Continúa.

DR. VALLE CALDRE E FILHO.

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

## SOBRE O ESTUDO DA LINGUA INGLEZA

### 2. LITTERATURA

Principião á apparecer depois da invasão normanda os primeiros e informes vestigios de uma litteratura nacional ingleza assim como as bases da formação grammatical da lingua; não passarão porem de ensaios: só d'ahi á trezentos annos, depois de fundidas em um molde ainda que defeituoso os elementos latinos e germanicos é que surgio o primeiro monumento d'essa litteratura com as Lendas de Cantuaria (Canterbury) Tales de Godofredo Chaucer, considerado o pai da litteratura ingleza. Que differença porém entre as formas da poesia d'esses tempos e as strofes arrebatadoras de Lord Byron, entre a prosa de John Wickhiffe e a de Sir Litton Bulewer; é como o balbuciar do infante comparado á vehemencia da linguagem da idade das paixões ou como o manso correr do regato á par do troar das catadupas.

Pouco a pouco foi-se aperfeiçãoando a lingua ingleza e principiarão á apparecer em sua litteratura monumentos dignos d'ella e prenuncios de sua grandeza futura.

Foi no reinado de Isabel que attingio á quasi perfeição e assumio um cunho especial a lingua ingleza: como nenhuma litteratura ainda imperfeita (á não ser a italiana que ao desabrochar produziu Dante) encontrou logo um interprete no genio titanico de William Shakspeare, talvez a maior gloria litteraria de todos os tempos e de todos os paizes. Formão os dramas de Shakspeare por si só uma litteratura, e se a Inglaterra nada mais tivesse produ-

zido ainda assim occuparia um dos primeiros lugares na historia litteraria do mundo.

Não aconteceu porem assim, pois é talvez a litteratura ingleza a que em todos os ramos dos conhecimentos humanos offerece maior cópia de engenhos raros, senão vejamos :

Possue ella no drama Shakspeare, Ben Jonson, Sheridan e Massinger ; na poesia lyrica desde Chaucer, Spencer, Dryden, Pope, Young, Thomson, Gray, Chatterton, e Burns até Byron, Moore e Temyson ; na epopéa Milton cujo Paraizo Perdido não tem rival no classico e severo das fórmãs, á não ser o Messias de Klopstock que cremos lhe fica somenos ; na tribuna sagrada Jeremias Taylor, Tillotson, Barrow, e Bunyan ; no genero das essays que é uma especialidade ingleza, quem deixará de apreciar Steele, Addison, Goldsmith, e na pintura de caracteres e sentimentos quem excederá aos humoristicos Smollet, Sterne, Swift e Fielding ? Historiadores, tem ella a trindade de Hume, Robertson e Gibbon afóra a pleyade moderna que encontrou o seu typo no genio de Lord Macaulay ; na philosophia Bacon e Locke que se podem considerar como os dois mais valentes athletas do racionalismo ; oradores parlamentares tem ella Chatham, Pitt, Fox, Canning, O'Connell, Brougham e Peel ; romancistas Scott, Bulwer, Dickens, Cooper, Marryat, e James : na verdade, com tão grandiosos monumentos litterarios quem deixará de estudar a lingua em que se achão escriptos !

E' uma feição caracteristica da litteratura ingleza em todos os seus generos a moralidade na concepção, a castidade nas fórmãs, a sobriedade nas expressões e muito principalmente a utilidade no fundo, formando n'esse sentido um verdadeiro contraste com a franceza e as mais litteraturas meridionaes e inclinando-se visivelmente para o congenito caracter da litteratura allemã, sem comtudo como esta affastar-se do realismo e lançar-se no abstracto e impalpavel.

Divide-se a historia da litteratura nacional ingleza em cinco periodos distinctos :

- 1.º Chaucer e seu tempo desde 1350 á 1580.
- 2.º Era Isabellina desde 1580 á 1640.
- 3.º Epochã de Transição desde 1640 á 1700.
- 4.º Era da Rainha Anna desde 1700 á 1780.
- 5.º Litteratura moderna desde 1780 até á epochã presente.

Nota-se no primeiro periodo a luta empenhada pelos escriptores para exprimir-se em uma lingua ainda rebelde, muitos vocabulos ainda não tomarão o caracter da lingua que os emprega : ha comtudo bellezas e a canção de todos os tempos o « amor » já desfere melodias, como nas strofes sentidas de Lord Surrey e nas do real cantor de Joanna de Beaufort, Jaime I.

Illustrou-se o segundo periodo pela apparição de Shakspeare que de um jacto fez com que pelos seus dramas immortaes assumisse a litteratura e a lingua ingleza o lugar imponente que até hoje sempre soube manter.

Na poesia distinguio-se n'este periodo Edmundo Spenser, como cantor da Rainha das Fadas (Fairy Queen) e na philosophia appareceu tambem n'esta epocha o emulo de Descartes, Lord Bacon de Verulam. A prosa ingleza d'este ultimo (tendo sido a maioria de suas obras escriptas em latim) já é um typo de linguagem sobria e severa que convem aos trabalhos philosophicos.

O terceiro periodo chamado de Transição, devido á mudança que operou na litteratura a influencia franceza, trazidá á Inglaterra pela restauração dos Stuartsfói talvez de todos o mais pobre em producções de merito transcendente, pertence comtudo á essa epocha Milton e os oradores sagrados Bunyan, Tillotson, Burnet e outros.

O quarto periodo foi um dos mais gloriosos para a litteratura ingleza: lançando para longe de si os falsos europeis do periodo dos Stuarts procurarão os espiritos alliar a severidade e classicismo da era Isabellina ao purismo que já se desenvolvera na lingua e assim formou-se o bellissimo estylo que apreciamos na prosa de Samuel Johnson e Goldsmith e nos versos castigados de Pope, Young e Gray.

A litteratura moderna que abraça o quinto periodo continuou as tradições do ultimo, se possivel, ainda com mais brilho, como o provão os poemas de Moore e de Byron e o desenvolvimento que teve a litteratura novellistica, culminando em Dickens e Bulwer; floresceu tambem a oratoria com Fox e Pitt: infelizmente n'este e no ultimo periodo nada de notavel nos offereceu a Inglaterra emquanto ao drama, em compensação derão-nos os Americanos n'este periodo com Cooper, Washington Irving, Longfellow e outros, a prova exuberante de que o elemento saxão transplantado para o livre solo da America nada perdera de sua seiva.

Continúa.

I. KRAEMER WALTER.



## DUAS PALAVRAS SOBRE LITTERATURA

Notre activité individuelle est suffisamment excitée par le pur espoir de découvrir les lois des phénomènes, par le simple desir de confirmer ou d'inflirmer une théorie.

AUGUSTO CONTE.

Quando o mycroscopio nos revella a actividade da força se exercendo na manifestação do pensamento e o geologo penetra as entranhas da terra para contar os milhares de seculos que se lançarão na eterna noite de outros tempos, a imaginação se reveste de concepções brilhantes, pois que a idéa robustecida com a sciencia ergue-se altiva e repousa junto á Deos.

Já lá vai o tempo em que o sabio pensador entregando-se exclusivamente ao mysticismo pairava no mundo espirital, e fechando os olhos á natureza physica referia os phenomenos a causas inteiramente abstractas.

Hoje que Bacon estabeleceu os principios da philosophia eclectica, que além do Rheno o empirismo despedaçou os frageis monumentos das idéas methaphysicas, as sciencias physiologicas assentarão o solio no ponto culminante das sociedades hodiernas.

Quando Buchner, Moleschot, Vogt e Wourchi na sabia Alemanha explicavão os phenomenos naturaes endeosando a materia, negando assim a existencia da divindade, na França ergue-se o labaro da crença no seio do mundo material.

Camillo Flammarion descobre na infinidade dos mundos a sede da força, e sua soberania no vasto e eterno plano do Universo. Procura na physica e na chymica a lei que regula os phenomenos da vida animal e vegetal, e até na materia inorganica a revelação da intelligencia suprema, que regula a marcha necessaria da na-



tureza. Volta-se para si mesmo, consulta a sua consciencia, e onde o atheismo erguera o templo da materia eleva-se magestoso o phanal da supremacia da força, da força intellectual, cujo principio eterno no tempo e no espaço foge aos vãos da comprehensão humana.

E' mister, pois, acompanhar o progresso social na sua phase mais brilhante, marchar a par do desenvolvimento do espirito na senda luminosa que atravessa n'este seculo do positivismo, porque a poesia está na verdade, e esta é representada pelos magnificos trabalhos da moderna sciencia.

Ao envez dos bardos da antiguidade que se inspiravão nos deuses do paganismo, evocando as luzes do Olympo para doirarem as suas epopéas immortaes, que fundavão suas crenças nas scenas mythologicas e voltavão-se para o idealismo ou phantasia, a musa do presente seculo revê-se no sanctuario da verdade.

Horisontes fulgurantes estendem-se ao vôo da intelligencia. As sciencias naturaes chamão-nos ao festim da vida universal a compartilhar dos gosos supremos do espirito, e nos affagão a mente com a convicção que adquirimos de nossa personalidade, e os exemplos edificantes que ellas nos mostram dá-nos a esperanza de repousar um dia no seio d'esses mundos que gravitão no ambiente incommensuravel do céu.

Uma epocha nova surge á face da humanidade. Outras inclinações se apoderão do espirito dos pensadores modernos, e a musa do presente solta seus hymnos sonorosos no tabernaculo da sciencia.

Se outr'ora Homero, Virgilio, Dante, Ariosto ou Tasso vibrarão as lyras ao mundo espirital, hoje os poetas mais sublimes fazem reviver em todas as frentes a aureola fulgurante de outras irradiações mais bellas. Se recordamos com saudades os nomes sempre lembrados de Horacio, Milton ou Shakespeare, tambem nos afaga a memoria a recordação dos vultos imponentes de Galileu, Kepler, Newton, Leibntz, Hegel, Laplace ou Herschel.

Ao passo que a mente deplora o apagar d'estes clarões resplandecentes que já brilharão nos horisontes roseos da vida, a alma prostra-se genuflexa ante a Providencia, ao contemplar na sociedade presente os athletas que apontão ao homem ávido de luz o templo sagrado da gloria intellectual.

Quanta variedade nos quadros magnificos da creação! que poesia em cada flor que se expande aos beijos candidos das auras matinaes! E se lembrarmos que estas flores que bebem a seiva vivificante da primavera, e estas auras que tremem vaporosas na ramagem, vivem segundo leis immutaveis e existem sob ama ordem de harmonias infindas, compostas dos elementos em quantidade necessaria para sua organisação, descobriremos em tudo, não sim-

plesmente a poesia exterior da fôrma, das côres e do perfume; por-  
rem a outra mais bella e mais profunda, um pensamento mais no-  
bre: ficaremos com a convicção de que uma intelligencia supe-  
rior rege o mundo organico e que em todas as transformações da  
natureza ella se patentea como a causa ordenadora do plano ge-  
ral da creação.

Olhai! Ergue-se no Oriente a alampada fulgente do dia. Um  
nevociro de luz se espalha pela vasta superficie da terra, os mon-  
tes envolvem-se n'um manto de oiro e as aguas trementes do ria-  
cho reflectem prismas de mil côres.

Grave e solemne ella se alevanta descrevendo no tecto do céu  
um rastro de luz. Descamba para o ocidente com a mesma mag-  
gestade de senhor de um mundo que tem principio em si mesmo  
e termo no globo de Neptuno, um dos colossos do seu imperio de  
gigantes.

As nuvens brancas da tarde, que voavão no oeste como alcyo-  
nes nas praias desertas do infinito, transformão-se em corceis en-  
sanguentados, que galopão soltando ás furias do norte as crinas  
avermelhadas.

Grande no erguer-se do leito purpureo d'aurora, immenso dar-  
dejando fulgores no meio da abobada azul, poderoso ainda quan-  
do se occulta no banho de fogo da região occidental.

E no emtanto o sol é fixo no espaço, attrahindo para si os ou-  
tros mundos que como phalenas se precipitão para o fóco de luz.  
E este movimento continuo não o presentimos, por que uma lei  
providencial nos veda de conhecer experimentalmente.

Ligados á terra pela attracção universal, seguimos com o  
olhar a marcha apparente do sol.

O que seria de nós, se nos sentissimos transportados nas altu-  
ras, arrastados pela terra no longo trajecto de sua orbita, revol-  
tos no redomoinho frenetico de sua rotação diurna?

A nossa organisação é adaptada ao meio em que vivemos, co-  
mo todos os seres são conformes ao fim que tem de prehencher, e  
a cada momento encontramos a demonstração d'esta verdade,  
a base do principio, que aceita a intervenção da vontade divina  
na ordem da creação.

As plantas que vivem nos climas onde as tempestades são  
violentas, crião-se vigorosas para resistir as furias do vendaval.  
A meiga violeta que exposta ao tempo seria crestada com um raio  
de sol, recebeu da previdente natureza a sombra de sua folhagem.

A timida sensitiva se erguesse alto seus ramos, morreria aos  
embates dos ventos; mas singella e medrosa estende-se modesta-  
mente, por sobre a relva da campina.

Oh! em tudo eu vejo a mão do Omnipotente espalhando a  
harmonia; tudo me revela a união do mundo physico, ao mundo

intellectual e moral, que uma cadêa continua prendê todos os seres, e que essa corrente, cujos elos são as leis naturaes, tem um extremo em Deos, e outro no infinito. . .

E acaso estas scenas maravilhosas pela ordem, pela grandeza, pelo destino, não são as imagens da belleza ideal?

Nos lares onde tumultua a vida — não houves os hymnos de alegria que a natureza entoa?

E aquelle que banha a fronte na lympha pura da sciencia não sente approximar-se de Deos, e conhecer-se forte pela intelligencia, e bastante nobre para tomar a soberania do mundo em que habita?

E' pois na contemplação da natureza, que nossa alma vê as grandezas celestes, é interrogando os segredos do Universo, que sentimos a fronte incendiada pela lava ardente da inspiração; é percebendo a divindade no solio dos espaços, que nossas idéas sonhão o ideal, aspirando a gloria de uma felicidade perenne.

Quem não sente, quando o pensamento se illumina com a sciencia, compenetrar-se de sua grandeza ao sentir-se collocado no extremo degráo da escala dos seres?

Quem não obedece ao impulso do movimento vertiginoso do progresso que arrasta a humanidade como um *systema de mundos aos planetas de sua constellação*?

Ninguem olha indifferente as maravilhas que se succedem todos os dias, e ninguem se isenta da lei do desenvolvimento que se manifesta segundo a bella expressão de Jouffroy.

O anjo da felicidade abre as candidas azas e nos guia ao horizonte do porvir — sigamos a senda brilhante que lá conduz, e penetremos no sanctuario da verdade — por crença os deveres filhos da consciencia; por amparo a fé segundo os conselhos de nossa razão.

Quando nos sentimos fortes pelo sentimento do bem pela satisfação de nossos direitos prescriptos na lei natural, como não tomar parte no festim social e acompanhar o côro harmonioso que todos os povos entoão?

Ha no imo de nossa alma um sentir que nos eleva aos olhos de nossa propria natureza, que nos fortalece contra os embates da fatalidade, que nos allivia nas dores, que nos enxuga as lagrimas da tribulação.

E' a esperanza no céu nublado da vida, esclarecendo-a como um ponto de luz na escuridão da tempestade.

Quantas vezes essa virgem amorosa da mocidade não nos tem acalentado ao som de suavissimas harmonias? E quando o coração presago de alguma desventura se entristece por emoções dolorosas, é ella ainda que nos acaricia a fronte abatida pelos pezares. E' no desfazer-se a alva espuma das illusões juvenis, que a vir-

gem compassiva nos emballa a mente com os sonhos do porvir.

Como a roseira plantada á margem d'um riacho deixa cahir ás petalas de suas flores na torrente que ás envolve, assim as illusões uma por uma somem-se nos abysmos do passado ! Mas, volta a primavera, a planta expande-se aos raios do sol, e novas flores rebentão viçosas : após um sonho, uma esperança ; após o cahir das petalas, uma rosa banhada das lagrimas da noite

Para termos os seus sorrisos é preciso buscar inspiração na pura nascente onde a fronte se banha, e o espirito se robustece para a difficil empreza da paz e da civilisação.

Quando no silencio da noite nos recolhemos no isolamento da meditação, nossa alma parece que vòu nas azas do ideal á um mundo de poesia de amor, em que fulge a esperança irmanada com a gloria.

Ella pois nos sustenta na senda que seguimos, por isso marchemos pujantes sem temor da desgraça. Se um momento sangramos os pés nos abrolhos da travessia, além a sombra fresca da palmeira nos affaga.

Se crestamos a fronte na ardentia dos desertos e requeimamos os labios pelo simoun, além o prado verdejante do oasis nos offerece a alfombra do descanso, e a fonte murmurante da paz.

Avante pois meu amigo, e contigo essa mocidade ebria de aspirações. O templo do saber vos offerece seus altares, sacrificai-lhes algumas horas de repouso e d'esses loucos prazeres que fogem como as nuvens no azul do firmamento.

Ha muita inspiração que se perde nos nevoeiros da indifferença, muito craneo de fogo, que se enregella nos frios do desengano.

A' uns, csmaga-os o desprezo, outros perdem-se com os falsos perfumes e entregão-se ao devaneio infundados, sem curar do cultivo da intelligencia, que é a causa primeira do progresso em todas as suas phases.

O gráo de instrucção de um povo, marca tambem o de seu adiantamento material e moral.

Os trabalhos de seu peusamento são a expressão fiel de seu passado e dos elementos para a sua perfeição.

A apathia que corróe as entranhas das nações revella-se pelos pallidos reflexos que espalha a sua litteratura morta.

E quando as creações do genio tomão lugar entre as obras sociaes, é uma prova que ali ha muita vida e muita sêde de gloria. D'essa animação tumultuosa muitas vezes nascem os factos que exaltão o humanidade ; os posteros remirão-se no cspelho do passado, e a historia doira suas paginas com o sol do presente.

O homem no estado de natureza, vive sem o conforto da cren-



ça sempre envolto no manto da ignorancia, sem procurar mais que a satisfação das necessidades instinctivas da vida.

Mas o homem social vive em outro ambiente, perfumado pelo incenso da fé, e unido pela lei da confraternidade, trabalha em prol da perfeita harmonia, embora uma fragil esperanza de perfeição lhe mostre mui distante o paraizo que a poesia popular colloca no começo da humanidade.

O espirito tendo passado pelos seus dois primeiros grãos de desenvolvimento attingio ao terceiro periodo. Ahi chegando, fez baquear o methodo ficticio e o methaphisico, e illuminou-se com o resplendor da verdade.

Quando a escolastica nos seus rodeios procurava as causas dos phenomenos referindo-as á seres puramente abstractos, o empirismo nas cadeiras da Allemanha buscava na propria natureza as leis que produzem os factos que na infancia da sciencia crão considerados como actos arbitrarios da vontade divina.

A anarchia dos dois primeiros produzio a divergencia de opiniões, com ellas o antagonismo de doutrinas, e por fim as lutas de principios que ensangentaram a humanidade.

Se o continuo progresso das sciencias tivesse o poder de chamar a si esta mocidade que perde se na ociosidade da phantasia, parece-me que daria em resultado a unificação da philosophia, produzindo d'este modo a generalidade da religião, segundo os principios immutaveis do methodo positivo.

D'esse ponto sobranceiro olhariamos o imponente theatro da natureza alvejar no espaço: a sua porta seria a sciencia e o palco transformar-se-ia em altar do dever; o drama seria o trabalho, e por palmas — a palma virente da esperanza.

O pranto se transformaria em riso, e todas as crenças se resumiriam em Deos!

Se uma fé não nos guiasse na carreira transitoria da existencia, a vida seria um arido deserto sem um unico beijo das anras que nos afagasse a fronte suarenta.

Se não procurassemos confundir o ser espiritual com a ideia de um principio organisador, a imaginação embalde voaria á noite negra do passado, e não encontraria ali uma explicação a mais vaga de si mesma, e o dever sem esta base não seria senão uma lei de convenção originada pelas circumstancias; mas em nós mesmo ha uma voz intima, que, quando o racionalismo tenta triumphar, brada-nos — o impossivel!

Em todos os pontos do Universo, eu encontro a soberania do Deos exercendo a sua influencia nos destinos da natureza; se a minha razão o negar, a consciencia me ha de suffocar a voz d'ella.

Quando nas horas de meditação abstrahimos de nós para um

outro mundo ali vemos a luz brilhante da verdade reflectir-se no intimo de nosso peito.

Eu tambem tenho tido muitas horas de martyrio e de duvida, quasi de scepticismo; porém no meio d'esses desvarios um relampago de crença me tem illuminado o horisonte, e n'esses momentos eu olhava o céu e n'elle via reflectir-se a Omnipotencia de Deos.

Assentado sobre a escarpa de um rochedo da formosa bahia do Guanabara, eu contemplava o poente que se tingia das cores do crepusculo. O mar gemia indolente quebrando-se na praia silenciosa, e as alcyones cortando o espaço roçavão com as azas brancas as ondas phosphorecentes. Os montes doiravão-se ao sol da tarde e os pyrilampos começavão a scintillar na encosta da serra.

Aquelle desfallecimento do dia, a solidão do mar, a larga esteira de espumas que deixava uma vella que sumia-se no horisonte, levando comsigo talvez que muito pranto de saudade, innundarão a minh'alma de uma tristeza indennivel.

Todo o meu ser voltava-se para Deos, porque n'aquella natureza tão rica de sentimento eu encontrava os echos de meu coração. E' que ali n'aquelles matizes, eu encontrava desenhada a imagem da vida e na musica das espheras, ouvia as notas que semelhão gemidos; e todo esse concerto harmonico edificava um monumento representando a soberania da força e com ella a dignidade do espirito regendo os phenomenos da vida universal.

Como resumo de todas as lutas do ser moral, resurgião imponentes — aqui Deos, além a immensidade; aqui o homem, o dever, a consciencia; além o futuro envolto nas dobras espessas do véo da eternidade.

Augusto Luiz.

Porto Alegre — 1874.



# UM FARRAPO NÃO SE RENDE

## COUSA ESTURDIA

---

### I

#### PHANTASMAGORIA

Ossadas que alvejaes á lua no topo das coxilhas e nos barrancos das canhadas!

Restos esparramados pelas campinas dos corpos idolatrados de nossos pais!

Esqueletos lividos dos heróes mortos no campo da honra pela causa da liberdade! . . .

— Levantai-vos d'esse chão em que tombastes com o heroísmo que em mil combates vos broquelou, a alma; levantai-vos cadaveres; surgi-vos, sombras adoradoras!

A geração que passa de taça em punho — sybarita nos banquetes do imperio — appella-vos para erguer mais alto e mais sonante o brinde em que applaude a magnanimidade do senhor: vos deseja convivas nos festins da realza. . .

Vinde visitar a terra de vossos filhos. . .

Vinde! . . .

Trazei os louros do triumpho ennastrados aos espinhos ensanguentados nas tribulações que resignados soffrestes.

Vinde ver a geração bastarda dos pygmeus que vos insultão, acurvados aos pés do senhor, murmurando aos manipansos os mil dithyrambos da lisonja.

Vinde vêr o sol que vos allumion os trilhos da liberdade esmigalhar-se em mil chispas, nos diamantes da coroa, e a seu fulgor extasiarem-se vossos filhos na mais santa beatitude...

Vinde vêr a herança de civismo opulentar o ergastulo da servidão, e o pavilhão que desfraldastes às refregas da liberdade, colhido sobre vossa tumba, hoje desfeito em trapos aos pés de vossos netos!...

Na injuria que vos atirão filhos degenerados, cahe a saliva da maldição a tisanar-vos a memoria, como á macia epiderme, o contacto da caustica taturana.

O que fizerão elles das maximas sublimes que escrevestes com o gladio do heroismo na tela amplissima das lutas? Das lutas que desabrochão glorias, glorias que forão espargidas sobre a bandeira da liberdade, como gotas de agua purificadora no baptismo de uma causa santa?...

O que fizerão elles das tradições honrosas que d'esta terra o valor e a independencia attestão, tradições tão nobres, que ainda mesmo aos que as insultão, ás vezes respeito infundem?...

Vinde, esqueletos de heróes; vinde, espectros todos que colhestes a morte ao lado do estandarte tricolor, que allumia aos bravos o caminho santificado pelo sangue da abnegação!...

Vinde vêr a geração que vos substituiu no palco da vida, como reverente se curva na mais arqueada mesura aos pés do rei invencivel, senhor omnipotente.

Mas nada! Não ouvis?

Continuaes a alvejar ao clarão da lua no tópo das coxilhas, semi-gustas ossadas?

E vós, lívidos esqueletos que nas barrancas das canhadas dormis, sois immoveis?

Desprezo... Maldição!...

Maldição!...

Sim, maldição ao, que engrinaldado de triumphos, na liça alfim vencido cahe!...

Maldição ao heróe que succumbe com a causa santa que defende!

A esses bravos, a todos elles, tres vezes maldição!...

Gloria, gloria ao vencedor!...

Gloria ao poder triumphante: ao rei que abre o manto aos conversos, aos adeptos distribuindo as migalhas do repasto; ao rei poderoso, cujo sceptro d'ouro extenua o cachaço brasileiro.

E á sombra do magnanimo vós saciados de corpo e espirito dormimos sobre as palacianas escadarias, aspirando as suaves auras da opulencia d'este olympto real, bebendo nas harmonias lisongeiras os mil dithyrambos da ventura.

Emquanto gota a gota sobre vossas ossadas cahe a garôa gé-

lida do esquecimento, sobre nós chove o maná de prosperidade, indulgencias e teteias.

Feliz, feliz somos nós geração degenerada, que orgulhosa de sua ventura, aos pés do senhor gostosa se prosterna! . . .

Alvejai, alvejai ao clarão da lua, semi-gastas ossadas, brânquejantes no tópo das cóxilhas!

E vós esqueletos lividos que dormis o somno dos bravos sobre os agros barrancos das canhadas, que minha vista embaciada, meus olhos myopes não ousou erguer a vós, de temor de fraco membro d'esta geração bastarda, não poder medir-vos o vulto agigantado, não poder obumbrado encarar-vos de frente, heróes gigantes que do passado destacais. . .

Sede tranquilos!

Continuai, continuai a alvejar ao clarão da lua, semi-gastas ossadas branquejantes no tópo das coxilhas, e vós, esqueletos lividos, que nas barrancas das canhadas vos debruçaes.

E tu, lua bemfazeja d'estes climas, em chuva abençoada despargue sobre os heróes teus raios louros.

Sol! oh sol da patria, que sois tão ardente como o amor da liberdade que nutrião esses peitos abertos pelas balas, aquecei-lhes as cinzas! . . .

Pampeiro das campinas dilatadas, minuano abagualado que bufais indomavel pelas coxilhas natalicias, vinde com as refregas selvagens recordar-lhes os vai-vens das pugnas em que a causa da liberdade se discutia: vinde animar de novo essas ossadas com um sopro de vida. . .

E os esqueletos do fundo das canhadas e as ossamentas do tópo das cóxilhas se erguerão para ouvir mais altivo e mais sonante o hymno da liberdade nos uivos da ventania! . . .

## II

### UM VETERANO

Era em 1858 que, sentado ao pôr do sol, á porta do seu rancho, lá nas devezas perdidas de Cima da Serra, se via um velho alquebrado pelos annos, cercado de seus netinhos, cabecinhas loiras e rosadas faces em que a ingenua curiosidade se estampava, a rememorar-lhes tradições de outras eras e façanhas de seu tempo.

Leão invalidado nas lutas da liberdade, sentio com dor irem-sc-lhe pouco a pouco extinguindo no pulso denodado as manifes-

tações da força, e a fronte encanecida pelos annos e pelos cuidados passar-lhe sobre o tronco.

Já desde dois annos o seu passeio costumeiro, a cavallo, pelo campo não fazia, porque o exercicio de ginete começava em extremo a fatigar-lhe.

Quem via esse pobre velho arrastando quasi os pés, não julgava estar vendo um heróe, heróe em ruinas; mal supportaria ter diante de si o arcabouço venerando do intrepido coronel B.

Do homem antigo já não existia mais do que o espirito prestes a extinguir-se, lampada da vida no descampado da velhice exposta ás ventanias d'além tumulo.

Tinha dôr o veterano em ver a progressiva murchez de sua virilidade, vir de gráo em gráo conduzindo-o á sua actual impotencia, porque em extremo lhe pesava uma existencia inutilmente arrastada n'este mundo em que o trabalho é a glorificação do homem.

Seus dias ennovellavão-se no crepusculo da tristeza perenne d'um céu embaciado, em que as côres risonhas da alegria se apagarão ao bafo gélido d'um inverno rigoroso e prolongado. Para elle já não havia no mundo caprichos, já não possuia encantos a natureza; com a velhice ante a vista amontoarão-se, a reflectirem-se em suas retinas os nevoeiros escuros do desanimo.

Apenas quando a sua imaginação volvia ao passado, n'alma abria-se-lhe o livro da memoria, reanimavão-se-lhe os paineis que a mão do heroismo debuchára, e elle relembra as nunca esquecidas façanhas d'um cyclo glorioso, com a animação, o calor e energia da juventude.

Então o coração do veterano estremecia ao toque ardente d'um sentimento amortecido que despertava; mais puro e mais veloz corria lhe o sangue nas veias, e elle por momentos via o mundo metamorphosear-se no seu mundo d'alma, mais brilhante, mais nobre e mais gentil. . .

Que de harmonias a se desfolharem nos gemidos da mataria!  
Que de encantos na campina! Que de nuanças no céu gentis! . . .

Em cardumes brilhantes esvoaçavão no ambiente as phalenas da alegria.

E o arcabouço do bravo vivia da vida dos que forão. . .

Quando a revolução que estalára, proclamou a republica, o intrepido cidadão alistou-se nas fileiras farroupilhas, e á luz do sol da democracia luzia a sua espada denodada no renhido das pelepas.

Teria então o nosso veterano os seus cincoenta e tres ou cincoenta e quatro annos de idade; e durante todo o decennio revolucionario uma só vez não se sentio cansado de lutar, uma só vez:

não fraqueou nas pugnas que de dia a dia, umas ás outras se succedião.

No posto de capitão alistou-se n'um regimento de cavallaria; sob as suas ordens servia a causa republicana o seu joven sobrinho José Carlos, que tomando seu tio por modelo, vio-se em pouco tempo cercado do respeito de todos os seus camaradas e da estima e sympathia dos chefes.

Por successivos rasgos de heroismo nas acções, conquistou o bravo capitão B. as dragonas de major, teute-coronel e coronel.

Tambem ninguem com mais lealdade e nobreza, mais energia e dedicação servio á causa da republica.

Guapo como o coronel B. ! . . . dizião os soldados, fazendo comparações. « Leal e dedicado como B. ! » dizia a miudo Bento Gonçalves.

É o nosso bravo era em todo o exercito republicano olhado como um heróe.

Seus haveres, que não erão pequenos, forão quasi todos sacrificados n'essa luta renhida que sustentou a proviucia contra o imperio.

Quando lhe disserão que os caramurús, entrando em sua estancia proxima a S. Gabriel, lhe tinhão comido as vaccas e se retirado arrebanhando-lhe o gado, sacudio os hombros e nada disse; nem nunca fallou n'esse factó, durante a campanha inteira.

Como no decorrer da luta precisasse de dinbeiro, quer para seus gastos, quer para empenhar na defeza da causa, vendeu a já despovoada estancia que possuia.

Lastimando-lhe alguém que elle pela republica que nunca lhe poderia compensar os sacrificios que estava fazendo, se estivesse empobrecendo, o coronel vermelho como lacre, franzindo as grilhas sobranceiras em tom de desdem respondeu :

— E a mim que importa sacrificar a fortuna? ! . . .

Não é a vida mais? E a quantos annos não a estou arriscando todos os dias exposto a mil perigos? !

Por meu filho não se sinta, que eu ensinei-o a trabalhar, e para um moço é o trabalho opulento patrimonio; que eu se não largar a ossamenta n'alguma d'essas morrudas pechadas de todos os dias, apresento o lombo sem pesar ao lombillo da pobreza. Demais já estou acostumado nos trabalhos e privações: não hei de precisar a domaçoão.

Nunca mais ninguem lhe fallou no seu voluntario empobrecimento, e a causa da liberdade deveu ao coronel assignalados serviços. Mais do que as forças de seu commando ostentavão, não havia outras que ostentassem; energia, bravura e decisão nas lutas; e os caramurús temião-lhes o choque.

Quando nas peclas ao signal de carregar com a espada luzin-



do que parecia desferir chispas d'ouro ao sol da victoria, elle ã a frente da columna se atirava gineteando o seu abagualado redomão escuro, as fileiras caramurus se bipartião para dar passagem ao genio da bravura.

Estimulados os demais chefes, atiravão-se cegos sobre as pontas das baionetas inimigas, e embriagados de heroismo commettião loucuras de denodo e sublimidades de pasmar.

Geral fazia-se a embriaguez: bebião todos um trago de demencia.

Legião de endemoninhados, chucra ponta de touros natalicios, cahia a tropa farrroupilha sobre a força caramurú: e aos vivas á liberdade, a legalidade vencida recuava, humilhado o pendão do imperio ante a bandeira da republica!

Para estes triumphos ninguem mais do que o coronel B. contribuirá.

Quando foi celebrada a pacificação da provincia, que Canabarro por parte da republica agonisante de cansaço, conferenciou com o delegado da cõrte, e negociou com elle a paz de Ponche Verde, o coronel B. apertando a espada ao peito, sua fiel camara-da de lutas e trabalhos, retirou-se para Cima da Serra.

De passagem por S. Gabriel lembrou-se de ir ao povo.

Encontrou em reboliço a povoação, era só galas e alegrias por toda a parte. Im pelotões formados com musica á frente percorrião as tropas as ruas; e adiante da musica moleques a atirarem foguetes, cujos estalos erão pela turba saudados com vivas ao conde pacificador e ao monarcha magnanimo.

Apertando muitas vezes com dôr e com desespero a espada ao punho foi acompanhando a turba.

Na praça da Igreja emfrente á porta da matriz fez pausa o cortejo. Abrio-se para os lados a molecagem (e os foguetes com ella); festivamente repinicavão os sinos dependurando-se das torres como que em deliciosa contradança.

Um homem de dragonas de cacho, todo agalado e condecorado surgiu á frente.

A esta apparição calarão-se os sinos, calarão-se as musicas: emmudeceu a molecagem.

A um aceno seu toda a tropa tirou barretina e elle por sua vez descobrindo-se atirou aos ares estas vozes:

« Viva o nosso...

Viva... ião repetindo alguns entusiastas.

« Não interrompão, senhores; eu ainda não disse a quem. Viva o nosso imperador, grande, magnanimo, sublime, divino...

E uma metralha de vivas delirosos abafou a voz do illustro *vicante*,

Ninguem mais se entendeu: foi um vivorio desabrido.



O homem dos cachos, condecorações, galões e cordões reconheceu impossível ser-se mordomo com taes mesarios: fazer uma exclamação artistica com tal enthusiasmo.

Quando meio que acalmou-se a alegre tempestade, vio-se rubro o nosso veterano e espantados a olhar para elle os seus visinhos de cortejo. Com a moderação sobrevinda do enthusiasmo popular, soldadesco e molecal, ouvirão d'um soliloquio a meia voz de nosso bravo, de suas imprecações ainda estas palavras:

-- Degradação! Tanto enthusiasmo e servilismo para acclamarem senhor! Regosijão-se e não cabem em si de contentes pela ventura de já serem escravos!...

— Que esturdio será este se entreperguntavão alguns?

— Algum demente, desdenhosamente contestou um alferes.

E o cortejo entrou na matriz onde se celebrava um *te deum* em acção de graças ao Creator, pela adjudicação ao senhor de mais alguns milheiros de servos.

Tendo deixado o cavallo atraz da igreja, deixou-se o velho farrapo arrastar na turba para o templo.

Começára a cerimonia por uma pratica politica d'um reverendo, que estava ao auditorio impingindo a par de seus principios caramurus, as mais consolantes prophcias: despertava com a morte da republica, o reinado da innocencia: um anjo de candidas azas alçára-se ao céu do Cruzeiro, para seguro guia na conquista da bemaventurança; enviado de Deus, não dizia-se nascido da Virgem por obra e graça do Divino Espirito, um prodigio como o menino-Deos, o menino-imperador, era a opulenta doação da divindade amiga. Das alturas do Sinai baixára o grande menino-rei com as taboas da lei, escriptas pelo punho do proprio Jehovah para regimen do povo de Deus; e mais ainda do que Moysés era elle salvador, remissor e regenerador. Equiparava-o assim ao Christo...

Mas o nosso veterano não quiz ouvir mais; estava indignado.

— Que insolencia! Na igreja estes disparates, verdadeiros sacrilegios!... Era o que faltava-me ver!... Que tanta baixeza, tão infame bajulação não é natural; isto é sermão, sermão encomendado!

E sahio.

No homem que mostrou-se no adro da matriz, apenas seus companheiros reconhecerião o coronel. Seus olhos chammejavão com o ardor das pelepas, seus labios contrahidos esfrolavão-se com o sorriso doloroso do desdem, e em toda a sua physionomia retratava-se um pungitivo sentimento de pezar a que o desdem se coadunava.

Estava terrivel de vêr-se o veterano. Tinha visivel, tinha patente no semblante, no todo, a violencia da commoção em que

sua alma se debatia ; em que sentimentos de ira e de desprezo se agitavam, erguião-se impetuosos, chocavão-se, repellião-se, união-se em consorcio e afastavão-se em divorcio...

A lamina brilhante luzio-lhe na mão, e depois ouvio-se um estalo...

Elle a tinha partido de encontro aos joelhos.

Em face do servilismo, quebrava-se para sempre a espada desembainhada em prol da liberdade.

Era a ultima prova de fidelidade que do brayo recebia a republica em seu sarcophago.

Os foguetes e os vivas, e a musica e o repique dos sinos, estrugião no ar ; porque lá na igreja em que a apothese do menino imperador se escutava, era celebrado o funeral da republica.

E já em seu redomão escuro o nosso bravo galopava sobre uma dobra da infinita campanha, em que as coxilhas se perdem na immensidade.

E galopava, galopava com ardor descommunal...

Na distancia esvalho-se o ultimo rumor da festa, e a Augusta solidão do pampa, em que Deus, o gaúcho e o minuano no infinito voão sobre o corsel sordido da liberdade, fechou o paraizo ao imperio do servilismo e da baixezza corteza.

E os vivas do enthusiasmo que cadenciavão-se com o estrugido dos foguetes, com o repique festivo dos sinos que na aclamação monarchica dobravão em funeral á republica, emmudecerão na vastidão do pampa.

O sol começava para o poente a descambar rubro, meio submerso em uma auri-escarlata mareta de fogo e luz, e na athmosfera ardente da campanha, por vezes vibravão os canticos agoureiros das saracuras do banhado.

O intrepido corsel escorria em suor e já começava a arreganhar-se ; mas ainda assim animado de intrepido ardor galopava com velocidade unica.

Sob suas patas desaparecião canhadas, varzeas e coxilhas, montando lançantes de serros e descendo ladeiras.

E não desfallecia ainda assim.

A bocca da noite estava o coronel no começo da picada grande da Serra.

Na leve obscuridade do mato mal luzia por entre o arvoredado meio desbastado da estrada, preguiçoso raio de luar.

Na escuridão selvatica tremião e ligeiramente se confrangião com timido farfalho as arvores gigantes, que se enfileirão desordenadamente no exercito das selvas ; emquanto lá fóra, longe, bem longe na campina immensa, o touro, esse rei dos campos, muge em calma.

No alto, encoberta pelas nuvens negro-verdes das ramagens,

a lua embaciada, com amortecido clarão alumia os pagos solitários do pinhal.

Por vezes o *pingo*, solta na troteada ancioso relincho, a que responde reboando como trovão nos reconcavos da mataria, o uivo medonho do jaguarete.

Mas as patas não cansão nunca e vão calcando as trevas em que se submerge a picada, que se afunilla negra na mataria. . . .

E ainda mais negra que a obscurecida penumbra em que o corcel se engoiha, está a alma do bravo em que o pensamento negro como o pezar, negro como o desanimo, galopa. . .

Elle sente no cerebro como que um temporal de idéas em que se encapellão as recordações do seu passado glorioso, ante o açoite da realidade desanimadora do presente.

Variação continua do mundo; constante baloiçar de homens, factos e successos! . . .

Acclamação estrondosa hoje ao que hontem despertaria um brado de indignação. O entusiasmo monarchico prorompendo do desamor e do desdem accumulado ao imperio! . . .

E o veterano vio no vivorio festejando a escravidão natalicia muitos de seus ardentes companheiros de armas, dedicados farroupilhas de outr'ora. . .

Influencia quotidiana dos factos consummados! . . .

Ha sempre em todos os pleitos em alguma das parcerias, fracção que envidando o ultimo esforço em prol do triumpho da causa que abraçou, vai não obstante no dia seguinte prosternar-se ante o poder adverso victorioso.

O successo tem d'estas seducções a que não podem resistir as almas não retemperadas no masculino vigor das crenças inabalaveis.

A victoria sempre foi o iman attrahente das almas baldas da força enérgica da resistencia.

Por isso não faltarão proseliticos tirados das côhortes republicanas nas patuscadas do imperio; por isso o cenho adusto do adversario transformou-se ante o enviado da côrte no sorriso gracioso do cortejão; por isso descambou em continencia a victoria da monarchia a espada muita vez fundida ao fogo da liberdade nas pelejas em que a tyrannia vencida recuava.

Assim de muitos espiritos fracos commandando pulsos denodados, colheu o vencedor em abundancia conversões talvez sinceras.

O nosso veterano ao embate das contrariedades que estes factos occasionavão em seu espirito susceptivel, rudemente agitada a fibra nobilissima de sua alma liberrima, provou agora bocados amargos, como nunca os tivera em sessenta annos de existencia.

Na obscurecida penumbra da picada que se afunilla, resvalla

a galope o corcel escuro, de ligeiras patas e ondeantes crinas, mais negras que a dor de um pezar atroz.

A's vezes a açoteira do rebenque campeiro do veterano, ao de leve fustiga a anca do brioso animal, e raivoso exconguro, vibrante como um toque de clarim no campo do combate, se escuta; e ao doloroso grito do bravo responde em harmonia com a tempestade de sua alma os uivos mecouhos do jaguaretê, os berros trovejantes da cangussú.

É toda a selva se estremece ao ribombo de procellosas vozes...

Então sobre o corcel mais negro do que a dor que sua alma sentê, um coração patriótico espremido pelos pezares dissóra sangue, enquanto um espirito tressúa sob o pezo da mais tremenda agonia moral.

Ao aproximarem-se as barras do dia, a picada desembocou em uma elevada clareira, aberta semi-circularmente no seio das selvas.

Já o destemido pingo afrouxava o garrão de abombado na carreira insana.

Era ocasião de sestear. Soffrenando o pingo, o veterano deccu. O *escuro* desenfreado tousava o capim da clarareira e babujava na ramagem da creciuma que no arvoredó se enleia.

A tempestade, do veterano na frente tostada ao fogo das pelepas, se acastellava ameaçadora. Entre as sobrancelhas, da dor raivosa o sulco abria-se profundo, enquanto nos labios confrangidos pelo desespero, um sorriso caustico adejava.

E o heróe dolorosamente fitou o céu em que o azul desmaiava no regaço fugaz da risonha madrugada; a campina siderea coloria-se levemente com as rozeas e douradas côres com que se tingo a aurora.

Apenas a estrella d'alva, de quantos astros n'elle fulgurão, brilhava com fixidez extrema.

Após o coronel levando a mão ao seio, d'ello sacou a espada espedaçada.

E duas grossas lagrimas rolarão-lhe sobre a lamina, como sobre um cadáver adorado.

Febrilmente osculou mil vezes os pedaços de sua espada sobre que se confrangia sua alma agonizante: erão bocados do proprio coração dolorosamente arrebatados do seio seu, pelo adusco bico do triumpho imperial.

E como doudo sobre a tumba da republica o tripudio do imperio, sua alma sobre o ferro sentia-se esmagar arcando com o desespero...

Ai, esperanças, louro bando de chimeras, quão depressa da realidade o gélido sopro vos apaga!...

Triumphos, glorias e virtudes, o que sois vós em isolada praia



«e vem submergir-vos em seu seio turgido fétida maré corrompida?!...»

A custa de trabalhos, de heroicos sacrificios e de affan sem termos, uma legião de obreiros para a patria repousar alfim de consecutivas fadigas, ergueu em meio á uma luta tremenda em que muitos cabirão victimas de sua abnegação e bravura, o templo democratico onde á sombra da paz lhe esperava a unção da liberdade.

E tudo baqueou!...

Na quéda enorme arrastadas perecerão legiões; e infecundo o campo bebeu o sangue do martyrio.

A' sombra d'um pinheiro titanico, cuja galharia era uma selva, o coronel abriu uma cova. N'ella depositou os pedaços da espada e perante aquella natureza toda calma soluçou:

— Dorme aqui, repousa para sempre espada minha! A lamina que reflectio os clarões da liberdade, não verá as auras corrompidas do imperialismo enferrujar as almas de aço dos velhos farroupilhas!...

— E' justo que no dia em que os sentimentos de civismo se expatrião d'esta terra, busques dignamente um tumulo no seio do deserto. Tu tambem morreste para meu pulso, como toda a esperança para miuha alma.

A madrugada já desabrochava e nas ultimas scintillações fulgia agonisante a estrella d'alva.

— Sim, que a espada desembainhada em prol da republica não póde dignamente perfilar-se ante os capatazes da realeza.

Assim espera ahi dormindo... espera um seculo!... Que tanto é preciso para que o Christo da liberdade desperte os lazarus do patriotismo!..

Até lá a immoralidade impere!

Ouviria Deus as vozes do veterano?

Quem nol-o dizer póde?

Perante o testemunho da selva o ouvido immenso do infinito engolio-lhe as vozes.

Quando o sol nadando em luz sobre a mataria orgueu-se, bateu de chapa no vulto d'um velho ajoelhado sobre uma cova *recem* mexida.

VICTOR VALPIRINO.

## PAGINA SOLTA

### I

Faz quasi um anno.

As tardes crão serenas e deliciosas.

O sol esplendido de Dezembro envolvia a chacara em véos de fulgores.

A folhigem das laranjeiras brilhava aos vívidos reflexos como brilhantes entre esmeraldas.

A relva estrellava-se de malmequeres e boninas.

A natureza toda parecia ataviar-se como a donzella formosa para a um baile de núpcias.

As violetas entreabrião docement; as petalas e exhalavão, como de um thuribulo, a suave fragrancia.

As madresilvas, que abraçavão com ternura o alvo peitoril de uma janella, offerecião aos beijos do sol a corolla recedente.

As auras que passavão trazião-me perfumes de envolta com os ternos murmurios dos cantores da floresta.

Os pintasilgos arrufavão a linda plumagem e da copa da arociara desprendião um côro de ineffaveis harmonias.

Ouvia-se ao longe o canto melancolico e saudoso dos sabiás das mattas virgens.

Tudo parecia segredar-me ao ouvido não sei que palavras mysteriosas que me enlevavão.

Minha alma, fascinada por tantos esplendores, embriagava-se, com delicias, no perfume das flores e no canto das aves; em seu recolhimento intimo murmurava: DEOS.

Foi ao sol esplendido de Dezembro que eu senti expandir-se em meu coração a flor melindrosa do primeiro amor...

Faz quasi um anno!



## II

Ella recostava-se docemente no alvo peitoril da janella, e, descuidosa como uma creança, contemplava as nuvens brancas franjadas de ouro.

Tinha nos cabellos negros e abundantes uma singela rosa branca, mais branca do que as nuvens que além se douravão aos raios do sol, mais branca do que os frócos de escumilha do seu vestido de princeza.

As madresilvas que emolduravão a janella roçavão-lhe no braço eburneo e perfumavão o ambiente que ella respirava.

As flores e as aves, contemplando-a, redobravão de perfumes e harmonias.

O céu tornava-se mais azul, a paisagem mais poetica e mais suaves as brisas.

Ao apparecimento d'essa graciosa creatura que trazia sempre nos labios um sorriso de esperanza e no olhar um mundo de mysterio, minba alma retrahia-se pensativa e baixo murmurava um hymno, sagrado como uma oração.

E ella, descuidosa como uma creança, contemplava as nuvens brancas franjadas de ouro.

Na aza transparente das melancolicas scismas, a alma pura d'aquelle anjo desprendia-se insensivelmente da terra e ia conversar com seus irmãos no céu.

Baixava depois os ciliros avelludados e seu olhar terno e scismador fitava-se no meu...

As horas passavão-se n'essa muda contemplação, n'esse extasis indefinivel, em que tudo desaparecia para nós... as flores e as aves, os perfumes e os hymnos!

## III

N'essas tardes calmosas de Dezembro, abandonando as preoccupações banaes da cidade, ia eu banhar a fronte entristecida nos perfumes da chacara que além se reclina no declive do morro.

Nauta perdido nas procellas de uma existencia ingloria, ia procurar um refugio que me puzesse ao abrigo do turbilhão mundano e que me approximasse do throno da divindade.

Segui o rasto luminoso de uma estrella e durante breve espaço de tempo entrevi um paraizo na terra.

Foi n'essa casinha branca que além se esconde entre as laran-

jeiras copadas e esmeraldinas que senti minha alma desprender-se do véo de tristeza e velar-se na túnica azulada do amor!

IV

E tudo isso dissipou-se! dissipou-se como um sonho que nos embriaga a phantasia e que breve se escôa no mysterio da noite!

Mas guardo ainda no puro sanctuario do coração o inextinguivel perfume da saudade... saudade doce e acerba d'essas venturas que jámais voltarão!

V

Hoje é silenciosa e triste a alegre habitação em que ella viveu.

As madresilvas descoradas e murchas abração ainda com carinho o alvo peitoral da janella em que ella se recostou; mas o canto que os sabiás desprendem ao longe é saudoso como um adeus de despedida e plangente como uma nenia.

E as violetas resequidas sob a folhagem não exhalão a suave fragancia.

As nuvens dourão-se ainda ao descambar do sol no occidente, mas a donzella não mais as contempla formosa e embevecida.

Um destino fatal arrebatou-a para longe... para bem longe d'aquella casinha que além alveja reclinada no declive do morro.

E por isso é silenciosa e triste a alegre habitação em que ella viveu.

VI.

Oh! pallida creança! Se um dia esta paguia, impellida pelas auras bemfazejas, fôr levada ao recatado asylo em que tu vives, e se fitando n'ella o teu olhar pensativo e doce, sentires tambem tua alma entristecer-se de saudade, oh! pallida creança! deixa que resvale em silencio sobre estas linhas uma só das tuas lagrimas! Deixa que tua alma scismadora pague assim um tributo sincero á memoria d'esse tempo feliz, que sumio-se para sempre nas brumas do passado!

## MARIA

### I

Pobre Maria ! Quem te vio hontem, aurora esplendida a pronunciar um lindo dia, e te vê hoje, tarde sombria, em vespervas de uma noite de luto !

E' uma historia triste a de Maria.

Erão pobres seus pais. Nem por isso porém articulavão uma só queixa. Dera-lhes Deus, para suavisar-lhes as horas de lazer depois de afanoso trabalho, uma filha, enlevo, encanto de sua vida inteira.

Francisco, quando os primeiros signaes do dia se desenhavão, quando talvez ainda meia cidade entregava-se descuidosa ao repouso, partia para o trabalho ; mas não o fazia sem ir até o leito de Maria a depôr-lhe na fronte um ternissimo beijo. Contemplava em silencio por instantes as feições mimosas da filha tão de su'alma e sahia radiante de felicidade.

Angelica era tambem toda extremos por Maria. Compreendendo bem a sua augusta missão de mãe, era seu principal cuidado ir formando pouco e pouco o coração de Maria.

A' tarde, á sombra da lorangeira do quintal, Angelica deleitava-se ouvindo lér maximas e pensamentos da mais sã moral. N'elles se ensinava que é dever das meninas adorar a Deus, honrar seus pais, amar o proximo e ser sempre boa e caridosa para com os infelizes, a quem a sorte volta costas.

Ao toque da Ave-Maria ajoelhavão mãe e filha e rendião graças pela paz e felicidade que lhes ia pelo lar.

Depois ambas se occupavão da refeição de Francisco, e quando este voltava com o corpo extenuado de fadiga, encontrava nas festas da mulher e da filha doce compensação ao labor do dia.

II

Continuou por algum tempo esta vida de paz e agradável tranquillidade.

Francisco e Angelica crião-se os pais mais felizes da terra.

Maria, á proporção que se desenvolvião as suas forças physicas, augmentava de belleza e de nobres sentimentos do coração.

Radiava de alegria quando podia enxugar, por seus beneficios, as lagrimas dos que choravão e supplicavão o seu auxilio.

Um dia, em que se entregava á pratica de sua caridade, vio passar diante de si um joven elegante.

O moço cortejou-a; ella correspondeu ao cumprimento e nada mais se passou.

Maria já á noite não pôde conciliar o somno pensando no seu desconhecido.

A Julio succedeu outro tanto.

Ella perguntava a si mesma se elle passaria ao dia seguinte, á mesma hora e pelo mesmo sitio; elle assentava em renovar uma, muitas vezes o seu passeio, na esperança de ver a gentil menina, cujos encantos o tinham deslumbrado.

Tornarão a ver-se Julio e Maria; trocarão-se um olhar, que exprimia os sentimentos dos dois corações e... amarão-se desde essa tarde.

Pôde Julio penetrar na casa do pobre Francisco; antes o não fizera, porque não substituiria por lagrimas os risos e alegrias que se notavão na modesta habitação.

Julio disse-se pobre, como os donos da casa, oriundo de familia de estirpe quasi obscura, que fazia consistir o seu brazão de nobreza na sua honra e na sua devoção pelo trabalho.

Dava á sua voz um tom tão convincente, que facil foi ganhar a afeição dos pais e o amor da filha.

Vós todos que me lerdes e que já tendes transposto os umbraes da vida pratica: sabeis o que é amor aos quinze annos, quando a alma se despe das fachtas da infancia e acorda para o amor e a paixão?

Imaginai portanto o que se passou em Maria, sentindo a seus ouvidos a musica de uma voz a dizer-lhe que era um anjo, que faria inveja aos que junto ao throno do Senhor o glorificão; a encarecer-lhe as fórmãs gentis, a chamal-a fada, mimo, graça, portento da natureza.

Amou, e amou com todas as veras d'alma. Entregou-se inteira á primeira paixão que se lhe germinára no coração.

— Seremos muito felizes, Maria. Foi o céo que te pôz no meu

caminho para que nos amassemos com delirio, com toda a força de duas almas novas...

— Sim, scl-o-hemos; como eu, tu não tens fortuna, mas trabalharemos ambos e ainda ha de sobrar-nos para repartir com os meus pobres, que eu não teria coragem de privar do costumado obulo.

— Serão igualmente felizes os teus pobres, porque de hoje por diante ficarão tambem sob minha guarda. O teu amor é para mim o supremo bem; e possuindo-o inteiro, forte, vigoroso, estarei armado contra todas as vicissitudes da existencia. O teu amor será a minha força, o teu coração o meu escudo.

E ouvindo-o fallar sempre assim, ardente, apaixonado, Maria experimentava uma sensação que até então não conhecera. Entrelaçava as suas nas mãos de Julio, conchegava o seu ao peito d'elle e... quem não diria que era aquillo a maior felicidade que se póde experimentar na terra?

### III

Todas as tardes Maria, vestida de branco, duas largas tranças de setinoso cabello, cahidas ao longodas espaduas, uma flor qualquer a ornar-lhe a cabeça, cantarolava á janella lindos versos á espera do amado de su'alma.

N'uma d'ellas... chegou a hora do costume, passou outra, mais outra... Já o manto negro da noite cobria a face do céu o Julio não apparecia.

Estaria doente? occupado? porque faltára ao que ella já considerava que era dever d'elle praticar?

Que ancias experimentou o coração da moça!

Quando retirou-se da janella, já noite fechada, uma lagrima brilhou no seu lindo rosto. Enxugou-a depressa para que seus pais não a supuzessem afflicta.

Embalde! O que é que se pode esconder a uma mãe carinhosa, que lê com os olhos no fundo de noss'alma e sabe quando a alegria nos arrebatou ou o pezar nos punge?

Angelica comprehendeu que Maria, acostumada á visita ininterrupta de seu noivo, estava soffrendo.

Procurou mil pretextos para justificar a ausencia de Julio.

— Elle virá amanhã e terá para contigo dobrados extremos para indemnisar-te dos que hoje perdes.

A moça fingia tranquillisar-se, mas tinha o coração em sobresalto; adivinhava que alguma cousa de máo estava para succeder-lhe.



Ao ir deitar-se, não para dormir, mas para entregar-se á meditação, o vento zunia com violencia, reboava o trovão e não tardaria que a chuva cahisse a cantaros.

— Reina a desordem na natureza ; á agitação dos elementos em fúria corresponde a que eu sinto aqui no coração. Ah, castellos que a minha phantasia creou tão bellos e tão risonhos, eu sinto que o vosso desmoronamento vem perto !

#### IV

Não se enganára a pobre Maria.

Até então a vida para ella tinha sido um poema de risos e esperanças ; a fatalidade terminou o ultimo canto e abriu em seu lugar o livro negro do infortunio.

Passarão-se alguns dias de cruel angustia para a moça e para os pais que tanto a estremecião ; o golpe que feria a uma, interessou no mesmo lugar aos outros.

Julio não voltava, nem noticias havia de seu destino ; Maria chamava-o com ancia, arguindo-o de ingrato por havê-la abandonado depois de levar-lhe o coração e com este a vida ; e os pobres pais, testemunhas de um soffrimento que não tinha interrupção de um instante, soffrião da mesma dôr, choravão das mesmas lagrimas.

Quando se soube de Julio foi para que mais fundo golpe ferisse aquelles corações. O vil mancebo escrevia que não voltava mais ; que interrompia o romance de Julio e Maria porque os seus amores tinham sido descobertos, seus nobres pais conhecião as menores minudencias de sua aventura e tinham-n'o recluso até o momento, que se approximava de lançal-o aos braços da que devia ser sua mulher.

Francisco e Angelica, por entre doloridos soluços, puderão ler a carta ; Maria . . . a pobre Maria terminou a leitura n'uma risada estridente, que distillava lagrimas . . .

Estava louca a desventurada.

#### V

Ali caminha ella, com o seu vestido branco e os cabellos soltos, que a viração faz ondular.

Vai levar a esmola aos seus pobres e pedir-lhes que roguem a Deus por que elle volte.

— Elle está preso, mas ha de voltar. Ama-me e tanto basta para que o faça. Casar com outra? elle que com tanto calor me repetio mil vezes que só a mim amava, porque só eu era bella? Digão-me que elle volta... e que eu serei feliz com elle. Quando Julio chegar, tereis dobrada esmola, porque elle prometteu que ficareis tambem sob a sua guarda. Ide orar a Deus e até amanhã.

E a pobre louca repete isto todos os dias, e volta para casa, onde encontra os velhos pais... não velhos pela idade... velhos porque os soffrimentos lhes embranquecerão os cabellos, alquebrarão-lhes as forças e vão todos os dias approximando-os do termo da vida.

Pobre Maria! Flôr que ainda hontem entreabrio ao sol suas delicadas petalas, e pende-as tão cedo no hastil, tocadas pelo tufo da desventura!

Bem dizem-te aquelles a quem cumulas de beneficios, mesmo agora que estás morta antes de morrer.

AURELIO DE BITTENCOURT.

Porto Alegre --- 1874.

## PHANTASIA

---

Lembras-te, Maria ?

Ainda permanece em tua memoria a recordação d'aquellas tardes amenas ?

Ai de mim ! quão cedo olvidaste aquelle tempo feliz !

Agora tu passas por mim, e nem um sorriso sequer vom-te á flor dos labios !

Tu scismas, idealisas, e os teus labios não se entreabrem para deixar passar o meu nome !

Oh ! como tudo passa n'este mundo !

Vós, mulheres, que sois o idolo de nossos sonhos como tão mal sabeis recompensar o affecto que se vos tributa !

Como sois voluveis e caprichosas !

Hoje o fogo ardente do amor, e amanhã d'elle só resta a cinza já fria que o vento arrebatava em seu louco redomoinhar !

Oh ! senhoras, é assim que incutis em nossa alma essa negra descrença que acompanhou Shyllei á sepultura ! E' assim que muitos por vós se tem perdido renegando a Deus, amor e tudo !

Corações de marmore ! borboletas de amor que de tudo zombais, oh ! não profaneis por piedade essa palavra tão santa !

Não se descerrem vossos labios para pronunciar outras phrases que não sejam aquellas nascidas do coração !

Oh ! se vós soubesseis, se vós comprehendesseis a sublimidade do amor, não fariéis d'esse sentimento tão puro o jogucte de vossas distrações !

\*  
\* \*

E tu, oh ! Maria, continúa n'essa serie de caprichos e phanta-

rias; faz curvar submissos a teus pés milhões de adoradores. Prosegue. . . tu para mim morreste; eu esperava encontrar em ti um anjo que recebesse em seu seio virginal as caricias que minh'alma apaixonada lhe prodigalisaria; porém enganei-me: o meu ideal ainda conserva-se envolto no manto impenetravel do futuro!

E comtudo, se tu tivesses querido, eu até agora ainda permaneceria no erro; incensaria esse idolo que não é mais que infiel cópia d'aquelle que phantasio em meus ardentes sonhos de mancebo!

Eu te agradeço, Maria, eu te agradeço teres feito tombar a venda que me cobria os olhos!

\*  
\* \*

Era uma tarde de Dezembro.

*Ella* brincando corria, e seus cabellos fluctuando a mercê da brisa impregnavaõ o ar dos mais suaves e embriagadores perfumes.

Eu de longe adorava-a e embebido n'essa doce contemplação esquecia tudo para só me lembrar que ella existia e estava ali.

E ella sorria-me com um sorrir de anjo promettendo as delicias do céu!

E n'esses momentos uma força irresistivel parecia-me attrahir á seus pés!

Eu, louco, sentia o sangue affluir-me ao coração e suffocava n'alma o desejo de conchegal-a ao peito e cobril-a de beijos!

Foi assim que passou a *lua de mel* de nosso amor.

*Ella* fugio para longe de mim e eu pranteei sinceramente a sua partida.

Oh! depois como se o seu amor só se alimentasse dos raios vivificantes do meu, ella principiou a amar-me menos. Emfim houve um dia, em que procurando-a com os olhos preñes de amor, voltou-me o rosto!

Ah! desde esse dia, em que manifestaste toda a perfidia de teu coração, o meu, após tão grande dôr, desprendeu-se dos laços que o prendião a ti!

Tudo acabou entre nós.

Se ainda restar em meu peito algum germen d'esse amor fermentido suffocal-o-hei no fundo d'alma!

Adeus senhora!

GENNARO.

Porto Alegre — 1874.

## THRENOS

A' memoria do distincto poeta Dr. J. Xavier da Silveira

Ai! sinto a morte pouco a pouco vindo  
Approximar-se na manhã da vida!  
Oh! como é triste se morrer tão moço,  
Quando a alvorada inda la vem florida!

J. X. DA SILVEIRA.

Proximo á campa que te abrio passagem  
Da eternidade p'ra final romagem  
Venho triste chorar!  
De goivos entrançei-te uma grinalda,  
Mas na campa ao depol-a, a frente escalda  
De angustia e de pezar.

Morrer tão moço! reclinar a frente  
Nesse leito feral que do horizonte  
Occulta o esplendor;  
D'onde a vista enublada não alcança  
Descortinar o mundo da esperança  
E as miragens do amor!

Morrer! quando o futuro lhe sorria,  
Quando o astro da gloria entreluzia  
Por entre raro veu:  
Vendo o mundo em risonha primavera,  
Adormecer sonhando uma chiméra  
E despertar no ceu!

Nos arcanos do empyreo acha-se escripto  
Que no mundo ha de ser sempre prescito  
Quem tem a inspiração;  
Ou seja um louco como Tasso errante,  
Ou proscripto e mendigo como Dante,  
Sempre essa maldição!

Ao lembrar-me de ti, borbullha o pranto  
Que dos meus olhos mana, porque é santo



O genio deplorar.  
Oh ! tu eras um genio soborano,  
— Aguia creada ao ninho americano  
Os céos a devassar.

Quando fallavas com teu verbo ardente,  
Que teus labios golphavão qual torrente  
Levando a multidão,  
A turba presa de tua voz potente  
Saudava em brados de enthusiasmo ingente  
A luz da inspiração.

Em teu peito, em tua frente, que ora cobre  
A fria lousa, toda a idéa nobre  
Enthusiasmos gerou ;  
Era teu evangelho — a liberdade,  
Que na cruz ao morrer — á humaniaade  
Christo — martyr legou.

Esse fogo que o peito te abrazava,  
Essa luz que tua frente illuminava  
Onde flameja então ?  
Do sepulchro se ergueu a vaga enorme,  
Extinguio-se o vulcão que frio dorme  
Sem lavas, sem clarão...

Poeta e sonhador das phantasias,  
Tinkas no craneo as lindas ardentias,  
Que tem o immenso mar :  
Era teu peito um céu de sentimento,  
E tu'alma — harpa còlia solta ao vento  
Nenias a suspirar !

È agora... tu repousas solitario  
Na fria campa, envolto no sudario,  
A' sombra d'uma cruz.  
O éstro a inspiração, genio, virtude,  
Sonhos de glória, notas do alaúde.  
— Eis a que se reduz !

Chora-te a patria de quem eras gloria,

Teus amigos engastão na memoria  
O sacro nome teu;  
O pobre, de quem eras patrocínio,  
Entre prantos repete o vaticínio :  
— Sim ! elle está no céu !

O genio é astro que tombou no espaço,  
Não póde a terra ter em seu regaço  
A immensidão da luz :  
— A aguia adeja aos cimos de granito,  
— Enquanto o astro-genio ao infinito  
Remonta-se e reluz.

Genio, teu nome deslumbrar quem hade ?  
Doura-te a fronte o sol da eternidade,  
Que se extingue jámais.  
Guarda-te a campa um anjo . . . anjo da gloria,  
E soluça : « adorai sua memoria,  
Oh ! vós, que aqui passaes !

MANOEL CORRÊA DIAS.

São Paulo, Setembro de 1874.

---

## AO LUAR

Era calmo o oceano. A branca lua,  
Sem véos de nuvens, retratava a face  
Na verde superficie adormecida.  
Ao longe, n'amplicão, puras brilhavão  
As pallidas estrellas. Brandas auras  
Como um sopro de Deos beijavão meigas  
As velas de uma barca descuidosa.  
Tudo era solidão. E a natureza  
Repousava da noite no mysterio.

De subito, uma voz terna e suave,

Casada aos sons dolentes e sentidos  
De fragil bandolim, subio serena  
Aos pés do Creador. Assim dizia :

« Virgem formosa, que adorei com ancia,  
Dá-me a fragrancia dos cabellos teus !  
Eu quero ver-te seductora e linda  
Sorrir-te ainda nos scismares meus !

« Estrella d'alva, que brilhaste um dia,  
Entre a sombria escuridão dos céos,  
Que mão occulta te arrastou á morte ?  
Que negra sorte te enlutou de véos ?

« Já não rutilas no horisonte infindo,  
Meu astro lindo d'esplendente luz !  
Flor arrancada da mimosa haste  
No chão tombaste que assignala a cruz !

« Pobre creança ! Que cruel destino  
Veio ferino nos cobrir de dó !  
Olhos chorosos para mim volveste,  
E te envolveste no funereo pó !

« Hoje só restão dos passados sonhos  
Quadros medonhos de saudade e dor,  
Lábios descridos soluçando endechas,  
Baldadas queixas de infeliz amor !

« Não posso a vida supportar na auzencia !  
D'esta existencia vou romper os véos !  
Vou n'estas aguas procurar abrigo...  
Ai ! vou contigo me ligar nos céos ! »

Ouvio-se o som de um corpo que baqueia  
Nos abysmos do mar. Depois... silencio...  
A barca ao largo divagava a esmo  
Como linda gaiivota em mares calmos...

A lua retratava-se sorrindo  
Na verde superfície do oceano...  
E esse canto de amor, como um perfume,  
Dissipou-se da noite no mysterio...

DAMASCENO VIEIRA.

---

## GABILA

A LIBERDADE

### III

Sôa ao longe o clarim, bombardas trôão,  
A extranhos ribombos treme a terra !...  
O ar está tranquillo, e na campanha  
A bala que esfuzia, a morte encerra !  
    E por cada metralha  
    Que vomita a batalha,  
Uma scena de horrores se descerra !...

Longiquos echos vão prurir o ouvido  
De Gabila cûrvado aos pensamentos,  
Tremulo leva a mão aos olhos turvos,  
Como se uma visão nos seus tormentos  
    Viesse deslumbrante  
    Dizer ao escravo : Avante !  
Agora vão findar-te os soffrimentos.

Ergueu-se a meio que inda o tinha a duvida.  
Nos seus enleios, como em sonho incrível ;  
Para elle o sonhador de nova aurora  
Que trazia na fronte um sello horrivel,  
    Na flôr da mocidade  
    Beijal-o a liberdade  
Julgava com razão ser impossivel.

Liberdade ! chimera que affagava

Por mal dormidas noites de amargura,  
Miragem esplendente em seu deserto,  
Sem fontes que apagassem-lhe a secura,  
Raio de luz divina  
Que a existencia illumina,  
Para o escravo era o céo, não só ventura.

« Os farrapos ! » Percorre de echo em echo  
Por coxilhas, canhadas e vargado. . .  
« Os farrapos ! » Repetem estremecidos  
De jubilo guerreiro e não de medo,  
Desde o morro-atalaia  
A' humilde samambaia,  
Que soffrião captivos, em segredo !

« Os farrapos ! » Tambem Gabila exclama,  
De pé, o labio a exuberar de cantos,  
A fronte a espadanar scintillas rubeas,  
Remido ilota em seus lustraes encantos !  
« Os farrapos ! » exclama,  
E n'essa voz derrama  
Dos recónditos d'alma doces prantos.

Como o tapir que na veloz corrida  
Os seios da espessura despedaça,  
Assim rompe o cerrado da restinga ;  
— Jaula sinistra e feia, á luz escassa ! . . .  
E a leda fronte expande  
Este filho do Rio Grande  
Ao sol que ali brilhante o beija e abraça.

Galga sangas e vallos, tudo é facil,  
Gabila livre já não teme a morte !  
Em pouco susta o passo n'um potreiro,  
Com voz arfante solta um brado forte :  
« Malungo ! nobre amigo,  
Agora vem comigo,  
Na aza da gloria tu serás meu norte.

E Malungo veio á grata voz que ouvira,  
Nitrindo de prazer pelo lançante  
D'uma cochilha ali, altiva á testa,  
Que jamais trouce a estemma scintillante



De fina prataria,  
Mas socia da agonia  
D'um amigo curvado á dôr constante !

IV

Quem és, ó Malungo, chibante ginete-  
Que as clinas sacóies soberbo e taful ?  
Que presto ao reclamo, á voz do crioulo  
A' pata embebeste as macegas do sul ?

Tiveste na raia combates renhidos,  
Conservas um nome que eterno seduz ?  
Quem és? O que foste? Na estancia quaes forão,  
Teus feitos de gloria, tua c'roa de luz ?

Te bancas na redea, sem medo, sem risco,  
Correndo os rodeios, impavido, a sós ?  
Não temes do gado mais chucro e bravio  
As guampas erguendo altivo e feroz ?

Nas lutas sangrentas da arena do pampa  
Não foges aos raios de bellico trom ?  
Relinchas, anceias, galopas, investes,  
Após o entrevello de horrifico som ?

Quem és, ó Malungo, chibante ginete,  
Que as clinas sacóies soberbo e taful ?  
Que presto ao reclamo, á voz do crioulo,  
A' pata embebeste as macegas do sul ?

Continúa.

IRIEMA.

---

## A MANHÃ

Manhã risonha, deslumbrante fada,  
Que os campos enches do sorrir sidereo,  
Quando te vejo n'este valle eu sinto  
Lembranças vivas d'um amor ethereo.

A linda virgem que encontrei nos campos  
Quando surgias derramando a luz,  
Tão pura e bella como os teus encantos  
Sobre os seus labios deu-me o amor á flux.

Nunca vieste, festival matina,  
Por sobre a matta diffundir formosa  
Mais louçanias, que espargia ella  
Sobre a minh'alma, essa gentil, donosa.

Dos céos, dos campos, do sublime e bello,  
Tinha na mente o sentimento; dina  
Era d'um culto, d'um altar e crenças,  
A minha pura, virginal Corinna.

Manhã risonha, deslumbrante fada,  
Tu foste a guia, o meu pharol da vida,  
Quando relembro deste valle as flores,  
Tambem relembro o meu viver, querida.

DR. VAÁLE CALDRE F FIÃO.

---

## CHRONICA

---

Realizou-se no dia 30 de Outubro, no salão do Club o 14.º sarão litterario d'esta associação.

Como sempre a concurrencia foi extraordinaria. Já o vasto salão do Club é acanhado para receber o grande numero de socios que contém hoje esta sociedade.

N'esse sarão occupou a tribuna das prelecções o bravo e illustrado Dr. Dantas. A these escolhida foi o casamento.

No proximo numero da *Revista* publicaremos a bonita prelecção do nosso distincto consocio, apanhada pelo Sr. Siqueira.

A parte cantante foi abrilhantada pelas Exmas. Sras. D. Amanda Olinto n'uma ballata do *Guarany*, D. Aurora Mazon na *Lucia de Lamermoor*, D. Aimée Mazon na *Bouquetière*.

A parte musical teve o valioso concurso das Sras. D. Patricia Vieira Lima e D. Dorothea Chagas n'um duetto da Lucrecia Borgia, D. Celeste de Castro n'um galope de concerto e ainda D. Dorothea Chagas no Ruy Blaz.

Recitarão acompanhadas ao piano as Sras. D. Florisbella Leite de Castro, D. Adelina Miranda e D. Felisberta de Lima.

A secção litteraria foi brilhantemente desempenhada pelos Srs. Aurelio de Bittencourt e Joaquim de Souza Motta, lendo o primeiro um mimoso conto e o outro uma bella poesia.